

MOÇÃO Nº 14.917/2012

Manifesto de Moção de Pesar em razão do falecimento do arquiteto e comunista Oscar Niemeyer.

O deputado infrafirmado vem, com esteio nos dispositivos regimentais, fazer inserir na ata dos trabalhos desta Egrégia Casa Legislativa, Manifesto de Moção de Pesar pelo falecimento do arquiteto e comunista Oscar Niemeyer, ocorrido nesta quarta, dia 05 de dezembro de 2012.

O Brasil e o mundo ficaram menos geniais com a perda de Oscar Niemeyer, o arquiteto de curvas e traços delicados, ousado e inquieto. A perda é tão grande quanto esse grande brasileiro, que colocou o nome do seu país no patamar mais elevado da arquitetura mundial.

Poderíamos dizer que Niemeyer é homem secular, pois viveu mais de cem anos. Contudo, entendo ser mais preciso defini-lo como um homem plurissecular e, para tanto, valho-me da delimitação que o historiador Eric Hobsbawm (outra grande perda do ano de 2012) conferiu ao século XX em seu livro “Era dos Extremos: o Breve Século XX: 1914 – 1991”.

Isso porque, nascido em 1907, quando ainda imperava no ocidente o conjunto ideológico erigido nas décadas finais do século XIX, Niemeyer foi espectador de profundas revoluções, guerras de extensão mundial, vanguardas não menos transfronteiriças e todo um conjunto de mudanças sociais, econômicas e políticas que fizeram, do século XX, um verdadeiro turbilhão. Participou ativamente de muitas dessas mudanças, não só no seu campo específico de atuação profissional – a arquitetura – mas, também, na formação de um pensamento social, estético e político mais voltados para a valorização e o respeito do humano, da igualdade e da justiça. Por isso, compôs uma trajetória parecida com os traços que deram forma a verdadeiras obras de arte, traçado que se estende ao século XXI não apenas na forma de legado, mas de presença viva.

Era gênio porque transpôs a complexidade arquitetônica em traços simples; porque as curvas que saíam dos seus traços eram uma contestação ao retilíneo, como quem previa que a vida não se processa em linha reta e que o mundo se transforma nas curvas da história, especialmente pelos que mais sofrem; porque, ao projetar Brasília, desejava uma cidade de “homens felizes: homens que sintam a vida em toda sua plenitude, em toda sua fragilidade; homens que compreendam o valor das coisas simples e puras um gesto, uma palavra de afeto e solidariedade” (NIEMEYER, in

<http://www.archdaily.com.br/79661/oscar-niemeyer-em-suas-proprias-palavras/>).

Niemeyer abraçou as ideias de Karl Marx e foi comunista até o fim da vida, sempre considerando o mundo injusto e inaceitável. Para ele, “não basta fazer uma cidade moderna; é preciso mudar a sociedade” (NIEMEYER, in <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2012/12/veja-frases-marcantes-de-oscar-niemeyer.html>).

Com o Memorial da América Latina, mostrou a trajetória de um povo marcado pela luta por uma vida melhor. Para Niemeyer, “mais importante do que a Arquitetura é ter solidariedade com os mais fracos, revoltar-se contra a injustiça, indignar-se contra a miséria. O resto é o inesperado; é ser levado pela vida” (in <http://www.archdaily.com.br/79661/oscar-niemeyer-em-suas-proprias-palavras/>)

Niemeyer sempre comoveu a todos que o conheciam, inspirando, nos mais hábeis com a palavra, textos tão modelares que nos deixam totalmente à vontade para utilizá-los numa homenagem póstuma. Um precioso exemplo disso encontramos no artigo poético de Chico Buarque de Holanda, denominado “A casa do Oscar”, publicado no folheto “Poemas, testemunhos, cartas”, comemorando os 90 anos de Niemeyer – 2000:

A casa do Oscar era o sonho da família. Havia o terreno para os lados da Iguatemi, havia o anteprojeto, presente do próprio, havia a promessa de que um belo dia iríamos morar na casa do Oscar. Cresci cheio de impaciência porque meu pai, embora fosse dono do Museu do Ipiranga, nunca juntava dinheiro para construir a casa do Oscar. Mais tarde, num aperto, em vez de vender o museu com os cacarecos dentro, papai vendeu o terreno da Iguatemi. Desse modo a casa do Oscar, antes de existir, foi demolida. Ou ficou intacta, suspensa no ar, como a casa no beco de Manuel Bandeira.

Senti-me traído, tornei-me um rebelde, insultei meu pai, ergui o braço contra minha mãe e sai batendo a porta da nossa casa velha e normanda: só volto para casa quando for a casa do Oscar! Pois bem, internaram-me num ginásio em Cataguazes, projeto do Oscar. Vivi seis meses naquele casarão do Oscar, achei pouco, decidi-me a ser Oscar eu mesmo. Regressei a São Paulo, estudei geometria descritiva, passei no vestibular e fui o pior aluno da classe. Mas ao professor de topografia, que me reprovou no exame oral, respondi calado: lá em casa tenho um canudo com a casa do Oscar.

Depois larguei a arquitetura e virei aprendiz de Tom Jobim. Quando a minha música sai boa, penso que parece música do Tom Jobim. Música do Tom, na minha cabeça, é a casa do Oscar.

O seu falecimento provocou uma grande comoção em seus múltiplos admiradores. Tomo de empréstimo as palavras de Manoel José de Souza Neto, do Conselho Nacional de Políticas Culturais, publicadas em artigo no Portal Vermelho, exatamente em razão da semelhança de sentimentos diante do fato. Descrevendo-o como “o arquiteto de um tempo futuro”, Manoel Neto afirma que:

[...] o efeito Niemeyer são suas perguntas, estes edifícios símbolos, criações que instigam a paisagem e viram ícones em suas localidades. Como comunista, foi filiado por Luiz Carlos Prestes, a quem chamava de comandante. Foi amigo de outros celebres comunistas como Saramago, Neruda, o ex-presidente Salvador Allende, entre outros. Filiado ao Partido Comunista Brasileiro em 1945, emprestou seu escritório para campanha, visitou a União Soviética e tornou-se amigo de diversos líderes socialistas. Fidel Castro disse a respeito dele: 'Niemeyer e eu somos os últimos comunistas deste

planeta'. Uma verdadeira ironia, já que o projeto do prédio da ONU em Nova York faz parte do conjunto de suas obras mais conhecidas, logo nos EUA que tanto prejudicaram Cuba e atacaram o comunismo. Ele nunca mais voltou na ONU e se tornou um dos homens mais influentes do mundo, sem abrir mão de suas convicções.

[...]

[as pessoas] devem falar das mil facetas do arquiteto, mas antes de entenderem suas obras, pensem no Homem, que tentou nos dizer que outra atitude é possível. As obras de Niemeyer são, portanto, de espírito socialista, irão sobreviver para gerações futuras entendidas no seu contexto de templos não de culto, mas de libertação, adoração de algo que falta na humanidade atual, símbolos do desejo sincero de esperança do surgimento de um espírito fraterno e harmônico que liberte os homens do mal-estar da civilização.

[...]

A lição de Niemeyer para os arquitetos não é um traço, uma técnica, mas uma lição moral de que a arquitetura deve ser humanista/socialista. Fica o legado e a sensação de que hoje não temos nenhum arquiteto do porte de Niemeyer no mundo, não porque não existam bons arquitetos, mas porque nunca existiu outro arquiteto verdadeiramente revolucionário e socialista [...]

A essas belas palavras me filio, diante da total incapacidade de reproduzir com tal precisão o significado de Niemeyer, esse homem plurissecular, para o Brasil e o mundo. Mesmo assim, arrisco-me a imprimir minhas impressões mais pessoais a esse momento de luto, acrescentando que o grande mérito de Niemeyer foi transformar o concreto em símbolo concreto de transformação social, traçando a justiça social e a construção de uma sociedade mais humana em toda a sua obra, que se encontra eternizada pelo mundo inteiro. Posso afirmar que Niemeyer permanece na lembrança e na saudade daqueles que tiveram a honra de conhecer suas ideias e obras. Ele deixa um legado para as futuras gerações: curvas geniais e traços de cidadania.

Enfim, morre o arquiteto; ficam seus sonhos se concretizando em realidade.

Por essa razão, venho, nesse dia, prestar-lhe uma justa homenagem através da presente Moção de Pesar.

Que seja dado conhecimento desta moção aos familiares de Oscar Niemeyer, ao Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura – CREA-BA, ao Conselho Federal de Engenharia e Agronomia - CONFEA e ao PCdoB/Bahia.

Sala das Sessões, 6 de dezembro de 2012

Deputado Álvaro Gomes